



Entrevista

“Nossa situação atual corresponde muito mais àquela de Hegel do que à de Marx”

Slavoj Žižek

A seguir, publicamos a entrevista com o filósofo esloveno Slavoj Žižek, cuja autorização para divulgação em português foi gentilmente cedida pela revista *Der Standard* (<http://mobil.derstandard.at/2000015146907/Slavoj-Zizek-Hegelianischer-als-Hegel>) e pela entrevistadora Ruth Renée Reif.

Tradução: Erick Calheiros de Lima - UnB
Revisão: Mathias Möller - Unifesp

O filósofo esloveno, que na próxima semana fará no teatro municipal de Viena a preleção “Sigmund Freud”, numa conversa acerca de seu novo livro sobre Hegel e sobre o capitalismo global.

Standard: “Hegel na sombra do materialismo dialético” é o subtítulo de seu novo livro. O senhor empreende nele não apenas a tentativa de resgatar Hegel para fora dessa sombra, mas também chega mesmo a se reconhecer muito decisivamente em sua direção. Por que justamente em direção a Hegel?

Žižek: Eu reivindico até mesmo um retorno de Marx a Hegel. Nossa situação atual corresponde muito mais àquela de Hegel do que à de Marx. Pois Marx vivia em uma época pré-revolucionária. Ele compreendeu as contradições da sociedade existente e viu, na revolução comunista, uma possibilidade de resolvê-las. Em contrapartida, a situação de Hegel era pós-revolucionária. A revolução francesa tinha acontecido, e Hegel viu a dimensão destrutiva do terror revolucionário.

Todavia, ele quis se ater à herança emancipatória. Esta não é nossa situação atual? Nós temos a velha sociedade capitalista que atua, cada vez mais intensamente, de maneira autodestrutiva. E nós tivemos no século 20 tentativas comunistas que se desvirtuaram de maneira assustadora e se transformaram em pesadelo. Com isso, nosso problema é o mesmo de Hegel. Como nós podemos salvar a herança do comunismo e da emancipação radical sem cair, mais uma vez, no terror?

Standard: Mas Hegel não dirigia seu olhar para o futuro. Para ele a história acabara em sua própria época. Como pensamento sem futuro, assim fora designada sua filosofia...

Žižek: Hegel não via nenhuma garantia para o futuro. Justamente isso, a propósito, nos vincula muito mais a ele do que a Marx, o qual acreditava numa teleologia histórica. Ainda que isso não fosse nenhum determinismo total, Marx realmente estava convencido de que nós podemos extrair da história uma finalidade e agir, correspondentemente a isso, como agentes da finalidade histórica.

Hegel era muito mais pessimista. Nessa medida foi também mais materialista que Marx. Ao término do prefácio de sua Filosofia do direito, ele escreve de maneira bastante clara que a filosofia somente pode pintar o cinza sobre cinza. Ela não poderia falar sobre o futuro, mas antes apenas dizer a verdade sobre a sociedade atual e sobre a dissolução da antiga ordem.

Standard: A coruja de minerva começa seu voo apenas com o cair do dia ...

Žižek: Hegel é aí totalmente atual. Nós sentimos isso hoje justamente da mesma maneira: nós sabemos aquilo de falso que transcorre com o capitalismo global, que ele produz novas formas de *Apartheid* e ocasiona crises ecológicas. Mas ninguém tem uma solução. Antes, nós precisamos admitir, em face da crise financeira e de administração econômica, do desemprego e da luta contra o fundamentalismo, que nos encontramos parados num ponto morto. A história é aberta e contingente. Nós nos encontramos em dificuldades, e não parece haver nenhum caminho claro para fora disso.

Standard: O senhor descreve este meio século antes da morte de Hegel em 1831 como a era de uma “intensidade intelectual de tirar o fôlego”. De fato, recaem nessa época também muitas descobertas e invenções – do urânio ao tear mecânico. Como o senhor explica uma tal profusão intelectual?

Žižek: Se a senhora observar apenas duas grandes alterações que ocorreram nesta época: a revolução francesa, a qual trouxe para toda Europa uma reviravolta política, e o nascimento do mundo moderno, da civilização industrial e secular.

O idealismo alemão foi um fenômeno histórico particular. Isto é frequentemente negligenciado. Mas deve ter sido um momento peculiar, quando um universo tradicional inteiro de valores hierárquicos desapareceu, sem que se soubesse o que a nova era traria. A sociedade moderna ainda não havia sido desenvolvida. E justamente aí se mostra a grandeza desses idealistas alemães. Tais como todos naquela época, eles estavam chocados pelo desenvolvimento que a revolução francesa tomara com Napoleão. E, apesar disso, eles não se subtraíram a esta revolução.

Standard: O senhor denomina Kant, Fichte, Schelling e Hegel como sendo “a mãe de todos as ligas formadas por quatro membros” [*Viererbanden*] ...

Žižek: O idealismo alemão inteiro pode ser compreendido a partir dessa perspectiva. Ele representa a tentativa de transferir a revolução para a filosofia e de apreendê-la em conceitos filosóficos. Depois do terror jacobino, insinuou-se a tentação de que a revolução fosse perdida.

Mas Kant, e sobretudo Fichte e Hegel, mantiveram a fidelidade aos ideais da revolução francesa.

Ao mesmo tempo eles compreenderam que na sociedade burguesa moderna uma nova dimensão de estranhamento apareceu. Os seres humanos trabalham em fábricas. Eles perdem as ligações familiares e sua pertença a comunidades. Há conflitos sociais e individualismo destrutivo. Assim, esses filósofos estavam diante do problema de encontrar uma nova forma de sociedade na qual de fato regesse a liberdade, sem as decorrências destrutivas. Eles precisaram encontrar um novo caminho para reconciliar a sociedade consigo mesma.

Standard: Se o senhor equipara em seu livro a filosofia ocidental com a filosofia em geral, acaso isso não seria uma perspectiva muito eurocêntrica?

Žižek: Pode ser que seja chocante para a senhora, mas eu me considero um eurocêntrico de esquerda. A filosofia ocidental é única. Todas essas representações de democracia radical, igualdade e feminismo somente puderam aparecer no ocidente com a ideia grega de democracia, a qual não é a mesma que a pré-moderna democracia de linhagem, com uma comunidade de devotos cristãos talhada pela igualdade e, ao fim e ao cabo, com Descartes. Hoje isto está esquecido. Mas Descartes foi especialmente popular entre as mulheres. Pois sua filosofia não fazia nenhuma diferenciação entre homens e mulheres. O “cogito” não tinha sexo.

Standard: Será que a negação de culturas de outros povos não é, todavia, uma herança da era colonial que nós deveríamos superar?

Žižek: Eu admito tranquilamente que há uma herança do imperialismo cultural. Mas o anticolonialismo repousa, assim como o antieurocentrismo, no legado da Europa. O caminho para ultrapassar o eurocentrismo não pode consistir em se retornar a quaisquer sabedorias originárias. Tal retorno sucede hoje em dia. Observemos a China, Singapura ou Índia! Ali a senhora pode observar um capitalismo extremamente dinâmico e brutal, o qual se compatibiliza muito bem com a revitalização de valores asiáticos tradicionais. Narendra Modi, o primeiro-ministro indiano atual, é um defensor neoliberal do capitalismo e, ao mesmo tempo, um nacionalista hinduísta radical. Na China se redescobre o confucionismo. Ao redor do mundo se fundam “Institutos-Confúcio”.

Standard: Em uma atuação emancipatória das culturas pré-coloniais fora da Europa o senhor não acredita?

Žižek: Não. Não percebo tal resistência de antigas culturas locais. Líderes intelectuais do terceiro mundo, tais como Nelson Mandela ou Malcolm X, também reconheceram isso de maneira bastante clara. Malcolm X dizia que “X” significava o fato de ser um escravo negro cortado de suas raízes. Mas ele sabia exatamente que não se trata de retornar à África para servir a quaisquer raízes. Ele compreendeu a perda dessas raízes como chance para a liberdade, a qual

facultaria aos negros criar sua própria espécie de comunidade, de serem mais igualitários e universais do que os brancos. É a tendência do capitalismo global atual que a dinâmica neoliberal do mercado chegue até mesmo a funcionar melhor com uma estrutura autoritária. Por conseguinte, nossa chance consiste não em opor resistência com quaisquer sabedorias antigas, como pensam alguns de meus amigos da América Latina, que afirmam que há uma herança dos incas ou de qualquer outra tribo indígena. Antes, nós deveríamos nos ater firmemente à herança europeia. Em particular, esta herança de democracia radical e igualdade está ameaçada pelo capitalismo global.

Standard: E como o senhor representa uma salvação?

Žižek: Ao capitalismo global nós somente podemos opor resistência com um novo projeto universalista. Todos os nossos problemas de hoje exigem uma resposta universal. Portanto, também a [resposta] política tem de ser universal. Nós precisamos de mais universalismo. E o paradoxo consiste em que a herança europeia é a única chance para um universalismo de fato. Aqui eu sou eurocêntrico de maneira totalmente ingênua. Nós precisamos insistir no papel progressivo da herança emancipatória europeia.

Standard: Então, de volta a Hegel.

Žižek: Naturalmente, temos de nos deixar mover por Hegel para adiante, contudo, de maneira que nós o atravessemos completamente. O único itinerário para além de Hegel é atravessá-lo completamente. Quando se procura desviar-se de Hegel, chega-se a um ponto morto, atrás de Hegel.

Standard: O que o senhor quer dizer com “atravessá-lo completamente?”

Žižek: A história da filosofia depois de Hegel foi uma reação contra ele. Mas este Hegel, o qual foi criticado por todos, era uma simplificação ridícula: Hegel como o idealista absoluto, o qual pensava que pudesse derivar toda a realidade a partir do espírito e saber absolutamente tudo aquilo que há para saber. Não! Hegel é, na verdade, um filósofo muito mais humilde. O conceito “absoluto” tem muito mais de ser compreendido no sentido de “absolvere”, desprender. Não existe nenhum ponto do qual o mundo possa ser compreendido. Eis por que somos condenados ao saber absoluto. Este saber absoluto de Hegel se estende até os limites absolutos do pensamento, os quais são determinados historicamente. O pensamento de Hegel é historicismo absoluto.

Standard: O psicanalista francês, Jacques Lacan, é designado pelo senhor como um instrumento seu para ler Hegel. Por que o senhor necessita de tal instrumento?

Žižek: De maneira paradoxal, nós precisamos de Lacan para ler Hegel, e de Hegel para ler Lacan. Lacan aqui não concordaria comigo. Mas é minha tese fundamental, o axioma desde o início do meu trabalho: nós temos de incluir a psicanálise na filosofia. Lacan não é apenas um psicanalista, que oferece uma melhor maneira de ler Freud, mas antes, seu pensamento tem uma dimensão radicalmente filosófica. Por isso, ele nos possibilita ler Hegel de uma nova maneira e reconhecer como ele era grandioso.

Standard: O senhor chega mesmo a incorrer numa aposta de que a psicanálise e a dialética de Hegel se redimem através de sua interação. O que o senhor entende por essa redenção?

Žižek: “Redimida” se torna uma teoria se ela pode mostrar que é ainda viva e tem algo a nos dizer. Se nos aproximamos de Hegel como fenômeno histórico, talvez achemos seus textos interessantes. Mas surgirá a pergunta acerca do que ele é capaz de nos ensinar hoje, a nós que vivemos numa era completamente diferente. Se nos aproximamos de Hegel, contudo, pela via da psicanálise – talvez através de Lacan –, então se compreende sua atualidade. A mesma coisa se dá, paradoxalmente, também em sentido inverso. Em face da violenta explosão da neurociência, está em voga considerar a psicanálise como ultrapassada. Mas isso ela não é. Eu percebo justamente hoje em dia em nossa sociedade permissiva, a qual atua de maneira mais repressora do que as formas de repressão que saíram de moda, que o tempo da psicanálise chegou. A senhora pode compreender isso da maneira correta se ler Freud através de Hegel. Pois Hegel tinha uma inacreditável sensibilidade para o fato de que toda tentativa de libertação pode desvirtuar e se inverter no seu contrário.

Standard: Hoje em dia são empreendidas tentativas de libertação? O senhor escreveu, mais ou menos no fim de seu livro, acerca das massas que fazem protestos, a partir de cuja cultura da discussão respostas concretas à antiga questão de Lenin “o que fazer?” teriam de surgir. Onde estão tais massas manifestantes?

Žižek: Não superestime a intensidade com a qual os seres humanos no passado se revoltavam. Observe as revoluções precedentes. Nestas, estavam envolvidos no máximo dez ou vinte por cento dos seres humanos. Também na revolução de outubro na Rússia a maioria se comportava de maneira passiva e foi apenas seduzida por essas ideias, de que haveria um fim para a guerra e se distribuiria terra para a população. Mesmo nas manifestações contra o regime de Mubarak no Egito tomaram parte, no máximo, vinte por cento da classe média formada. No instante em que fora permitido a todos se expressar nas assim chamadas eleições livres, a fraternidade mulçumana chegou ao poder. A partir disso, não penso que no passado houve uma era ideal, na qual a maioria se revoltava.

Standard: Mas no presente as pessoas não se revoltam quase nada.

Žižek: Hoje em dia é difícil se revoltar. Este é o golpe de mestre do capitalismo. Ele apresenta novas formas de dominação e exploração como novas formas de liberdade. A senhora não terá também na Áustria mais tais partidos como o SPÖ e ÖVP. Ao invés disso, haverá um

partido do *establishment*, o qual entra em cena a favor do capitalismo liberal, global. Haverá partidos populistas dirigidos contra os imigrantes e, talvez, partidos mais radicais de esquerda. O pior de tudo que pode acontecer, nós vivenciamos na França e na Grã-Bretanha. Aí, há um centro liberal e anônimo, desafiado por partidos de direita voltados contra os imigrantes.

O problema é que também os partidos de esquerda não oferecem uma alternativa efetivamente convincente. Na Espanha, por exemplo, o *Podemos* organizou grandes protestos. Mas, quando eu li o programa deles, encontrei nele quase que apenas superficialidades populistas. Certas esperanças eu deposito no grego *Syriza*. Eu admiro esse pessoal. Pois eles sabem quão difícil é a situação, e mesmo assim correm o risco de experimentar. O ministro das finanças, Yanis Varoufakis, um amigo meu, é um cientista econômico extraordinariamente bem formado.

Standard: Nós falamos agora inglês. Em contrapartida, o idioma institucional no *Komintern* na época de Lênin era o alemão. Deu-se com isso expressão também à esperança pela proximidade da revolução alemã. Esta revolução não veio. Pode-se acreditar que ela venha agora?

Žižek: Neste ponto, eu sou pessimista. Nossas contradições vão se intensificar e, então, veremos o que acontece. Algo vai acontecer. Não temo que deixe de acontecer algo. Mas o perigo consiste em que, caso algo aconteça, pode ser tanto radicalmente à esquerda, mas também algo fascista. Nós vivemos em tempos perigosos.

Standard: “Menos do que nada” foi como o senhor intitulou seu livro e, com isso, abriu uma nova perspectiva para a questão leibniziana acerca de por que há algo e não simplesmente o nada ...

Žižek: Este é um passo ousado que aqui levo a termo. A princípio, eu retorno ao atomismo pré-socrático. É interessante perceber que este conceito do “*Ichts*”, que Demócrito, o criador do antigo materialismo, inventou, significa algo como “menos do que nada”. Este “menos do que nada” eu tento depois ler a partir da física quântica. Aí nós temos a ideia paradoxal de que, no mais elementar nível quântico, subsiste uma entidade negativa e que, portanto, tem-se de acrescentar algo para que se tenha nada. Minha pretensão vai, contudo, mais adiante. Eu gostaria de investigar esse “menos do que nada” não apenas no universo simbólico, mas também na realidade.

Standard: A negação da efetividade social como pressuposição de sua modificação? É esta a sua interpelação? Começar sempre do início novamente? O senhor cita o escritor G. K. Chesterton, para quem a repetição era um sinal da vitalidade infantil ...

Žižek: Sim. Pois todas as grandes revoluções que se metamorfosearam em uma catástrofe estão perdidas. Atualmente, nós vivemos nessa divinização do novo. Mas – e este é para mim o

grande ensinamento da história – o efetivamente novo acontece sempre na forma de um retorno a algo antigo. Pense em Lutero. Ele não queria nenhuma revolução, mas antes um retorno ao autêntico cristianismo. Ou Blaise Pascal. Seu problema não era a maneira como ele poderia se desprender do passado, mas antes, de que maneira ele, sob novas condições, poderia permanecer um autêntico Cristo. Para efetivamente conservar aquilo que, na tradição, é digno de ser conservado, a senhora tem de ser uma radical revolucionária de esquerda. Somente uma revolução pode salvar aquilo que no nosso passado há para se salvar.

(Ruth Renée Reif, *Album*, DER STANDARD, 2./3.5.2015)